

CONHECENDO A EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS*

INSTITUTIONALIZED CHILDREN AND THEIR EXPERIENCES

LA EXPERIENCIA DEL NINO INSTITUCIONALIZADO

Silvia Helena Zem-Mascarenhas**
Giselle Dupas***

Zem-Mascarenhas SH, Dupas G. Conhecendo a experiência de crianças institucionalizadas. Rev Esc Enferm USP 2001; 35(4): 413-9.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo conhecer a experiência da criança institucionalizada e foi norteado pelo referencial teórico do "Interacionismo Simbólico" e pelo referencial metodológico da "Teoria Fundamentada nos Dados". Os dados foram coletados por meio de duas etapas: a primeira compreendeu atividades em grupo e a segunda consistiu em entrevistas individuais. Os resultados mostraram que a institucionalização ocorreu por abandono e rejeição dos pais ou por decisão jurídica como medida de proteção à criança, tendo como contexto a pobreza de sua família. A experiência da criança é conflituosa com relação à institucionalização, pois percebe ter recursos materiais, mas sente falta da família, da casa, dos amigos, enfim, da vida fora dali.

PALAVRAS-CHAVE: Criança institucionalizada. Enfermagem pediátrica. Criança.

ABSTRACT

The aim of this study was to know the experience of the institutionalized child and was guided by the theoretical referential of the " Symbolic Interactionism " and by the methodological referential of the " Grounded Theory". The data had been collected in two stages: the first one understood group activities and second stage consisted of personal interviews. The results had shown that the institutionalization occurred for abandonment and reject of the parents or for legal decision as a measure of child protection, having as context the poverty of its family. The child's experience is conflicting in relation to being institutionalized, because while he/she perceives the necessity of material gain, they miss their family, their home, their friends, and simply life outside.

KEYWORDS: Institutionalized child. Pediatric nursing. Child.

RESUMEN

La puntería de este estudio era saber la experiencia del nino institucionalizado y fue dirigida por la referencia teorica del "Interacionismo Simbólico" y por la referencia metodologica del "Teoria Fundamentada en los Resultados". Los datos habían sido recogidos en dos etapas: primer entendía que las actividades del grupo y segunda etapa consistió en entrevistas personales. Los resultados habían mostrado que el institutionalization ocurrió para el abandono y el rechazo de los padres o para la decisión legal como mesure de la protección del nino, teniendo como contexto la pobreza de su familia. La experiencia del nino está estando en conflicto en lo referente a la institucionalización, porque mientras que he/she percibe la necesidad del beneficio material, él falta su familia, su hogar, sus amigos, y simplemente vida afuera.

PALABRAS-CLAVE: Nino institucionalizado. Enfermería pediátrica. Nino.

* Trabalho apresentado no H Congresso Paulista de Enfermagem Pediátrica, São Paulo, 1997.

** Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USE E-mail: silviazen@mzo.com.br

*** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Prof. Adjunto do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: gdupas@power.ufscar.br

INTRODUZINDO A TEMÁTICA

Apesar de vivenciarmos acelerado avanço tecnológico, muitas crianças convivem com a violência e o abandono⁽¹⁾. A maioria das crianças brasileiras começa a ser agredida ainda no ventre materno, pela desnutrição e violência contra a mulher. Quando sobrevivem às doenças perinatais, respiratórias, doenças passíveis de prevenção pela vacinação, diarreia e fome, essas crianças chegam à idade adulta agredidas pela falta de oportunidade escolar e de trabalho⁽²⁻³⁾.

As crianças precisam enfrentar e superar diversos tipos de violência e agressão, tanto biológica, social, física, cultural, racial, como em muitos casos, dentro da própria família. Algumas dessas formas de violência não poupam sequer a população mais privilegiada, como a negligência e indiferença dos pais, maus tratos, poluição, violência do trânsito entre outras⁽⁴⁾

Mesmo que a criança brasileira consiga chegar ileso aos cinco anos de idade, depois de sobreviver aos diversos tipos de violência citados, não significa que o caminho que a separa da idade adulta esteja desimpedido e livre de perigos.

Considerando-se que as crianças abandonadas, carentes ou infratoras têm ou tiveram uma família, um aspecto que merece reflexão diz respeito aos motivos que justificam o fato das famílias não serem capazes de manter seus membros agregados.

A família é apontada como o centro da ação para qualquer solução duradoura do problema da criança e do adolescente, mas ela só se alterará se houver mudanças na estrutura do modelo de desenvolvimento do país. Como não tem ocorrido mudanças estruturais consistentes, o problema da infância desvalida tem aumentado severamente em razão dos correntes índices de desemprego, agravando a situação de desestruturação familiar, de risco eminente, muitas vezes levam à institucionalização de crianças e adolescentes⁽⁵⁾.

Existe um movimento histórico "discursivo" de oposição à institucionalização, realizado inclusive pelo próprio Estado⁽⁶⁾. Entretanto, isso não se configura em ações estruturais mais amplas que permitam efetivar tal intenção. Conseqüentemente, a institucionalização de crianças e adolescentes continua ocorrendo e, frente ao atual panorama econômico/social/político, não vislumbramos perspectivas de mudanças.

Poucos são os trabalhos que tratam dessa questão e menos ainda aqueles que consideram a experiência da criança vivenciando a institucionalização. Nas décadas de 80 e 90, pesquisas sobre o tema "menor" institucionalizado e meninos de rua foram realizadas abordando basicamente características comuns aos internos no que se refere à idade, gênero, origem e relações familiares⁽⁷⁾. Entretanto, o

como a criança/adolescente percebem a institucionalização não foi abordado, e é isso que buscamos contemplar com este estudo.

DEFININDO O OBJETIVO

Este estudo teve por objetivo conhecer a experiência de um grupo de crianças institucionalizadas.

SELECIONANDO OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Para atender o objetivo proposto, o estudo foi desenvolvido usando métodos da pesquisa qualitativa, tendo como referencial teórico as premissas do *Interacionismo Simbólico* - I.S.⁽⁸⁾

O referencial metodológico da *Teoria Fundamentada nos Dados* - T.F.D.⁽⁹⁾ - norteou a coleta e a análise dos mesmos. Foi escolhido em função da questão a ser pesquisada — a experiência da criança com a institucionalização - e por ter ligação estreita com o I.S.

O estudo foi realizado em uma instituição filantrópica de cunho religioso, localizada no interior do estado de São Paulo, que desenvolve trabalho de abrigo (para 30 crianças) e atendimento sócio-educativo em meio aberto (para 40 crianças). No abrigo, atende-se somente meninos que podem permanecer na instituição até os 18 anos de idade, ou até conseguirem independência para poderem morar em outro local.

Participaram do estudo crianças institucionalizadas com idade entre 7 e 13 anos. Inicialmente havíamos pensado em trabalhar com crianças até 12 anos, mas por sugestão do Diretor da instituição, 3 crianças com 13 anos, julgadas por ele, com um nível de desenvolvimento inferior ao esperado para a idade, foram incluídas no grupo.

REALIZANDO A PESQUISA

Preparando o "campo"

Os procedimentos foram realizados em duas etapas. A primeira compreendeu atividades orientadas realizadas em grupo e a segunda, consistiu em entrevistas individuais com as crianças.

Primeira Etapa

Uma vez identificadas as crianças, julgamos importante a realização de alguns encontros para que pudéssemos conhecê-las e vice-versa, facilitando assim, a realização das posteriores entrevistas individuais. Um estudo realizado com crianças hospitalizadas em idade escolar apontou o desenvolvimento dessa etapa

como um facilitador para que a criança sintasse-se mais à vontade para falar sobre si, seus sentimentos, percepções e pensamentos⁽¹⁰⁾. Elaboramos um cronograma para os encontros e definimos alguns temas que pudessem ser abordados durante os mesmos. Os temas deveriam estar relacionados ao objetivo do estudo e sujeitos a modificação, de acordo com o desenvolvimento das atividades e manifestações de interesse do grupo. Na instituição, usamos, para os encontros, uma sala grande com dois ambientes: um que funciona como sala de aula, com carteiras e quadro negro, e outro que funciona como uma biblioteca, com estantes contendo muitos livros e uma mesa grande no centro com cadeiras.

Antes de cada encontro com as crianças, fazíamos uma reunião onde avaliávamos a reunião anterior e estabelecíamos o tema, os objetivos e as estratégias para o próximo encontro. Foram realizados seis encontros antes do início das entrevistas, com duração média de uma hora e trinta minutos cada um. Os três primeiros temas desenvolvidos com o grupo, foram os que previamente havíamos determinado: *saúde, família e esperança*. Para o quarto encontro, devido aos acontecimentos ocorridos durante os primeiros (os quais serão descritos na apresentação dos resultados), decidimos trabalhar com a questão do comportamento do grupo. Nos dois últimos encontros avaliamos o crescimento e a habilidade manual das crianças, bem como discutimos noções de higiene. Foi apresentada uma peça teatral, elaborada pelos alunos do sétimo semestre do Curso de Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UFSCar, sobre o tema higiene.

Segunda Etapa

Com o consentimento das crianças, agendamos as entrevistas a partir da disponibilidade de horário das mesmas, a qual foi fornecida pelo Diretor da instituição. Elaboramos uma ficha individual para o registro de dados de cada entrevista. Com a permissão das crianças, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas, sendo garantido o anonimato da mesma.

As entrevistas tiveram duração média de quarenta minutos, estando presente somente uma pesquisadora e a criança entrevistada, em uma sala reservada.

Relatando os encontros

Primeira Etapa: os resultados referentes à primeira etapa do trabalho serão apresentados por encontros.

Primeiro encontro

Buscamos compreender o significado de saúde para essas crianças. Iniciamos por esta temática por considerarmos que, sendo enfermeiras, seria mais fácil para elas entenderem a correlação existente entre o tema, a nossa profissão e a proposta de reflexão. O grupo foi

solicitado a construir, à partir desses conceitos, uma definição de saúde. Ao final, foi solicitado que um dos participantes lesse, em voz alta, a definição construída para saber se todos concordavam com o mesmo.

"Saúde é ser saudável e trabalhar, brincar, correr, alimentar-se e ter higiene, praticar esportes e ficar livre das doenças."

Consideramos que os conceitos e a definição que as crianças atribuem à saúde são bastante abrangentes, não estando vinculados simplesmente à ausência de doença. Parece-nos que refletem alguns conceitos "aprendidos" (como por exemplo "a saúde é para todos"), mas também relacionados intimamente com suas vivências (por exemplo, às atividades "de brincar"). Participaram desse encontro onze⁽¹¹⁾ crianças, as da faixa etária prevista para o estudo e que se encontravam institucionalizadas.

Segundo encontro

Todas as crianças estavam presente. O tema para o segundo encontro foi pensado em função da relação "ausência da família X institucionalização", experiência essa a ser mais profundamente explorada na segunda etapa do trabalho, mas que julgamos oportuno abordar naquele momento. Os significados de família que algumas dessas crianças verbalizaram e desenharam são apresentados a seguir:

"Alguém que educa e cuida da gente." (L.A.)

"É alguém que adota a gente e cuida de nós." (D.)

"É uma família que sabe cuidar de nós e dar boa educação." (T.)

"Pessoa que cuida da gente, dá educação, dá comida e mora com a gente. Compartilha as coisas com a gente." (J.)

"Que fica com a gente dentro da gente, dentro da casa, que dá comida, veste a gente." (A.)

Os conceitos individuais emitidos e a definição do grupo demonstram que família, na concepção dessas crianças, vai além da "composição de membros". A idealização de família é afetiva, protetora, integrativa, ou seja, que cuida, no sentido mais amplo da palavra. Dizemos idealizada porque definitivamente, não é essa a família que eles têm, mas conceitualmente, aquela que acreditam que deva ser.

"A família para nós é que a família tem que estar sempre unidos, com amor, carinho, esperança, alegria ... e a mãe e o pai tem que trabalhar para sustentar a família, porque se não, ninguém vai comer." (Definição do grupo)

Esses dois primeiros encontros foram bastante "agitados". As crianças estavam inquietas, movimentando-se demais, uns provocando os outros com tapas, chutes, agressões verbais. Como ainda estávamos nos conhecendo e não sabíamos se esses comportamentos eram comuns ou em decorrência de desinteresse pelas atividades que vínhamos desenvolvendo, julgamos necessário propor para as crianças que repensassem a participação no grupo, bem como a realização dos encontros. Foi marcado um próximo encontro dando um intervalo de quinze dias, para que as mesmas pudessem refletir sobre o assunto e decidir se gostariam que os encontros continuassem a acontecer e de continuar participando.

Terceiro encontro

Retomando do ponto que havia ficado para reflexão, foi de consenso das nove crianças presentes, a continuidade dos encontros. Iniciamos as atividades propondo um momento de meditação. Não tínhamos a pretensão de conseguir fazer com que as crianças atingissem plena concentração devido às suas características de habitual agitação e, por reconhecer que para centralização ou meditação é preciso treino e acima de tudo, desejar isso. Contudo, esperávamos que a estratégia de meditação pudesse acalmá-las, o que não ocorreu, talvez devido à dificuldade de concentração que essas crianças apresentavam. Em seguida realizamos a brincadeira da "batata quente", onde cada um dos participantes definiu (expressou) **esperança**.

"Pombinha branca subindo pelo sol." (L.M.)

"Amor, alegria, ternura." (M.)

"Contente, alegre, feliz." (A.)

"Quero construir minha casa, viver em paz com minha família." (J.)

"É ter esperança em alguma coisa, esperar." (A.)

"Ser livre." (J.)

Quarto encontro

Com o objetivo de reintegrar o grupo, minimizando as situações de agressividade, optamos por realizar um "encontro de brincadeiras"¹. Realizamos três brincadeiras previstas - "palavra cruzada", "qual é o meu carinho", "os gatinhos", - e incluímos mais duas, sugeridas pelas crianças, conhecidas por "brincadeira da ilha" e "brincadeira da lua".

O resultado desse encontro foi muito positivo, pois as nove crianças presentes participaram ativamente e de maneira organizada. Considerando que, esse encontro diferiu dos anteriores, por terem sido apresentadas

somente situações de brincadeira, entendemos que elas talvez estivessem relacionando as atividades dos primeiros encontros com as freqüentes atividades educacionais às quais são submetidas. Pareceu-nos claro que a situação de brincadeira foi capaz de entreter as crianças, o que nos levou a pensar que uma das maneiras mais eficazes para o contato inicial deveria ser essa, para posteriormente passar a trabalhar com a definição de conceitos.

Quinto encontro

Dando continuidade às atividades de brincadeira, as nove crianças realizaram origami, enquanto eram solicitadas individualmente pelas pesquisadoras, para serem pesadas e medidas e também para verificação das condições de higiene. Pudemos verificar que quanto ao crescimento, essas crianças encontram-se dentro dos seguintes parâmetros: quatro crianças dentro dos parâmetros de normalidade; três crianças com peso próximo à linha de normalidade; duas crianças com alterações de peso e estatura.

As condições de higiene das crianças eram satisfatórias, considerando as atividades que estavam desenvolvendo anteriormente à realização do encontro (jogando bola).

Sexto encontro

Para finalizar a primeira etapa do trabalho foi apresentada uma peça teatral sobre higiene. A participação foi maciça, incluindo não só as crianças participantes do estudo, mas também as demais da instituição. Após a apresentação da peça, as crianças e os adolescentes responderam satisfatoriamente às perguntas feitas durante a brincadeira com a "batata quente".

Sentimos que com esses encontros já havíamos nos aproximado o suficiente para estabelecer uma relação de confiança com as crianças, que permitisse o encaminhamento para a segunda etapa do trabalho.

Analisando as entrevistas

Segunda Etapa

As entrevistas individuais foram transcritas na íntegra e codificadas. Posteriormente, os códigos foram agrupados (conforme seus significados) em categorias mais abrangentes.

As categorias que emergiram são apresentadas na seqüência.

SENDO ABANDONADA são as razões que a criança apresenta por não poder viver com sua família. A maioria das recordações está relacionada a brigas, rejeições e mudanças repetidas de casa. O abandono e o descuido estão claramente apresentados.

¹ Estas brincadeiras foram adaptadas do livro "Núcleo de Educação do Centro de Apoio ao Desenvolvimento de Assistência Integral à Saúde (CADAIS, 1993) da Secretaria de Estado da Saúde".

Inicialmente ela sofre o abandono pelos pais legítimos - foram embora e não voltaram, morreram, separaram-se, constituíram nova família. Em seguida, outros membros da família, avô, avô, tio, tia, madrinha, assumem o compromisso de cuidar abdicado pelos pais. Ela vai passando de um lugar para o outro, da responsabilidade de uma pessoa para a de outra até que a institucionalização inevitavelmente aconteça. A história de vida até o momento da institucionalização caracteriza-se, desta forma, como repleta de sucessivos abandonos.

"... a minha mãe falou que ia levar a minha irmã ao médico. Daí ela mentiu pra gente que ia levar minha irmã ao médico, era mentira. Daí ela pegou e foi embora, e já tinha chamado o taxi... daí ela pegou e foi embora. Eu e meu irmão vimos e contamos para o pai... e nunca mais voltou." (A)

" Porque a minha mãe ia me dar para uma mulher, aí minha avó não quis. E aí eu fui morar com ela." (LA)

" Porque meu pai não podia cuidar de nós." (JO)

"Morava com minha avó. Mas agora que ela faleceu no ano passado..." (J)

"Ah, por causa que qualquer coisinha ela mandava eu embora de casa." (LA)

"...aí minha mãe morreu e meu pai foi embora." (K)

A chegada à instituição representa um momento conflitante para a criança, quando a impossibilidade de ficar com a família é substituída por sua entrega à um lugar onde suas possibilidades serão diferenciadas.

SOFRENDO NA CHEGADA reúne códigos que expressam como é para a criança o confronto com o ver-se institucionalizada. É uma experiência em que ela se vê afastada de seus familiares, onde não quer ficar, manifestando esse sentimento através do choro, do isolamento, das birras, do mau comportamento. O sofrimento da chegada à medida que o tempo passa e as interações se estabelecem - com as pessoas, com o ambiente - vai cedendo espaço à "adaptação". A criança "aceita" ficar e seu comportamento vai mudando.

" Eu não quis ficar, porque ela não tinha avisado nada. Ela falou que eu vinha aqui, num lugar, não falou onde, aí eu não quis ficar." (LA)

" Não, eu já vim direto pra cá. Não vim conhecer nada... ela (mãe) não sabia como era." (LM)

"É que eu não tinha acostumado aqui ainda. Aí depois eu comecei a acostumar, por causa da escola, aí eu **se soltei** mais." (LA)

VIVENCIANDO CONFLITOS diz respeito às múltiplas experiências da criança durante o processo da institucionalização, sendo caracterizado por momentos de aceitação, de revolta, de vontade de voltar para casa, de viver em família, como também momentos de reconhecimento de que a vida na instituição é "boa e gostosa". Esta categoria reúne três subcategorias assim divididas:

Vivendo uma rotina é ter horário para tudo, sendo cada atividade programada durante o dia todo, com atribuições, obrigações e brincadeiras. Essa dimensão da experiência é algo que faz parte de sua vida diária, que a criança cumpre sem muitos questionamentos. Mas essa rotina lhe toma todo o tempo, afastando-a da diversão, da brincadeira, da liberdade que usufruía há tempos atrás, sem limites, sem regras, restrições ou obrigações.

"...é diferente, porque aqui tem hora pra tudo. Lá em casa ninguém ligava pra hora." (A)

" Sete horas, aí escova os dentes, arruma a cama, vai para o PROVIN (reforço escolar), depois toca o sino, sobe para tomar banho, vai para a escola. Aí depois vem da escola, janta, sobe, troca de roupa, fica na recreação e depois vai para o estudo. Depois do estudo você dorme." (LA)

Tendo que conviver com o que não gosta denota o confronto da rotina regrada atual com as experiências de "liberdade" vivenciadas anteriormente. A criança acaba "tendo que estudar demais", "brincando pouco", "tendo pouco tempo para assistir TV", "sentindo-se privada da convivência com outras pessoas" (amigos e familiares), estabelecendo interações conflituosas com outras crianças. A falta de "liberdade" é o ponto chave dessa subcategoria, pois a criança não escolhe o quê, quando, com quem fazer ou não as coisas do dia-a-dia.

" O que eu não gosto é ter que acordar cedo no internato, é terrível." (A)

" Porque aqui você fica trancado aqui dentro... trancado assim, você não conhece quase ninguém para sair daqui. Tem que ficar aí, brincando aqui." (LA)

Em contrapartida, a criança percebe-se **tendo ganhos**. Suas condições de vida mudam substancialmente. Ela percebe-se tendo mais espaço, boa alimentação, escola, roupa, presentes, ou seja, em termos de recursos, tem na instituição o que não tinha em casa. Efetivamente tem ganhos materiais, possibilidades educacionais, interações sociais e relações afetivas - sentindo-se cuidada, embora preferisse estar junto da família.

" *Eu brinco no parquinho, eu ganho coisa.* " (MC)

" *Aqui eu estudo bastante, rezo, aprendo alguma coisa.* " (A)

" *Ah é bom, porque eu gosto daqui... brincar, ganhar coisas, ganhar presente, eu faço um monte de coisa...eu brinco no parquinho...porque aqui é grande, eu assisto filme...aqui dá bastante coisa e lá na minha casa não. Lá na minha casa dá pouco.* " (MC)

No processo vivenciado na institucionalização, a criança percebe-se **MANTENDO CONTATO COM A FAMÍLIA**, que significa sentir-se como se não tivesse sido abandonada totalmente, dando uma conotação à sua permanência na instituição como provisória, acreditando que não rompeu completamente com os vínculos e relações que tinha anteriormente e que tem um ponto de referência fora da instituição.

" *Eu já fui lá em Batatais visitar meu irmão, com minha irmã e o Padre.* " (K)

"...se tem um feriado prolongado, aí os meus pais vêm aqui ou então eu vou pra casa." (J)

CONCEBENDO A FAMÍLIA representa a percepção que a criança tem a respeito da situação familiar na qual se insere, sendo esta caracterizada por desestruturação, divisão, descompromisso e abandono. A experiência da criança no convívio familiar é representada por lembranças positivas e negativas. Positivas, quando retratam a forma carinhosa dos membros da família para com ela. Negativas, quanto à percepção de ser abandonada, de ver os membros da família separados, de conviver com brigas e rejeições. Algumas vezes, não só a criança é rejeitada pela família mas ela própria passa a rejeitar também aqueles que a abandonaram.

" *Meu pai bebia muito. Toda vez que ele chegava em casa ele batia na gente. Tinha vez que eu e meu irmão escondia debaixo da cama pra não apanhar. Um dia ele queria bater na gente né, ficamos da uma até as oito da noite embaixo da cama.* " (A)

" *Uma irmã está na casa da minha tia, a outra está morando com o namorado dela.* " (JO)

"...os outros estão com minha tia lá na vila São José dos Campos. Tem uma outra que mora lá no Santa Felícia." (AD)

Ao conceber a família, a criança passa a descrever suas experiências, **CONTANDO COMO ERA ANTES**. A vida da criança antes da institucionalização é apresentada como contendo

momentos bons e acontecimentos ruins. As atividades envolviam situações de mais liberdade para fazer o que quer, sem qualquer limitação imposta por pais ou responsáveis. Entretanto, sua história de vida caracteriza-se também por sofrer situações de riscos quanto à integridade física e mental.

" *Porque lá de onde eu vim não tinha nada, só tinha pra estudar e não fazia mais nada.* " (A)

" *É porque lá, se eu ficasse lá, eu ia aprender muita coisa ruim.* " (LM)

" *Ah, é porque lá em casa você podia andar na rua, andar em tudo quanto é lugar ... eu podia assistir televisão todo dia, toda hora.* " (A)

"... e se eu estivesse em casa agora, eu estaria na rua." (J)

TENDO UM FUTURO INCERTO é não saber o que vai acontecer. A criança não tem perspectivas nem mais ou menos definidas a curto, médio e muito menos a longo prazo. Sua saída da instituição depende dos pais, do juiz, das normas da própria instituição, da adoção, de que alguma coisa em nível familiar se acerte para que ela possa sair dali. Nada disso depende dela. Depende de outras pessoas e a criança não tem domínio sobre a situação.

" *Minha mãe só vai... eu vou ficar aqui até ela mudar de lá... quando ela mudar ela vai me buscar.* " (LM)

" *Vou pensar se eu vou querer voltar pra lá... ah, por causa do estudo né... (estudando) pra ser alguém.* " (LA)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a criança institucionalizada, percebe-se vivenciando conflitos gerados por situações antagônicas. Ela reconhece que a instituição lhe provê os recursos necessários para sua sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, afasta de si aquilo que demonstra ser mais valioso, ou seja, a vida em convívio familiar para onde deseja voltar.

Em trabalho realizado com crianças institucionalizadas em idade escolar⁽¹¹⁾, foram encontradas, na fala delas, expressões que remetem às subcategorias delineadas junto às crianças da presente estudo. Segundo a autora, as crianças relataram que a rotina é sempre a mesma (**Vivendo uma rotina**), queixaram-se também da "condição da, reclusão e limitações a que estavam sujeitas devido ao caráter disciplinador da instituição" (**Tendo que, conviver com o que não gosta**). Por outro lado encontrou relatos positivos sobre a instituição

afirmando que "eventualmente o abrigo era bom" havendo oportunidade de ter, pelo menos, um lugar onde pudessem ser acolhidas (**Tendo ganhos**).

A convivência com estas crianças nos permitiu conhecer um pouco mais sobre suas histórias de vida, suas experiências, a realidade atual e as perspectivas para o futuro.

Enquanto profissionais da área da saúde, encontramos um vasto campo de atuação junto a criança institucionalizada. Entretanto, essa atuação precisa ir além da dimensão biológica. Os problemas de saúde das mesmas não são diferentes da maioria das crianças brasileiras, mas a experiência de morar em instituição demanda uma atenção especial pelos profissionais de saúde. Quando procuramos abranger todas as dimensões que envolvem a criança enquanto pessoa - um ser biopsico-social-emocional-espiritual - percebemos que ela apresenta necessidades específicas e diferenciadas. Para que a atuação do profissional seja efetiva, todas as dimensões têm que ser consideradas, do contrário, qualquer ação desenvolvida poderá não alcançar o objetivo maior, que deve ser o de cuidar da criança enquanto pessoa, educando-a para o exercício de cidadania.

As crianças entrevistadas, tanto deste estudo como no anteriormente citado⁽¹¹⁾, não apresentam perspectivas claras de futuro, não sabem se voltam ou não para suas famílias e percebem que esta situação está fora de seu controle.

Entendemos que as instituições que se destinam a abrigar crianças, necessitam desenvolver estratégias de ação que possibilitem a reintegração da criança à família, servindo como ponte para o restabelecimento dos vínculos que por motivos diversos, em algum momento se perderam. A instituição necessita repensar seus objetivos a fim de ampliar seu horizonte de ação, crescendo a sua função de cuidadora da criança à de promotora do restabelecimento do contato da mesma com a família, para que esta assuma o seu papel enquanto primeira gestora do cuidado de seus membros, ou seja, cumpra sua função afetiva, provedora e formadora.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Steiner MHF, organizadora. Quando a criança não tem vez: violência e desamor. São Paulo: Pioneira; 1995.
- (2) Unicef. Situação mundial da infância 1999. Brasília (DF); 1999.
- (3) Fausto A, Cervini R, organizadores. O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez; 1996.
- (4) Minayo MCS. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. Ver Bras Saude Matern Infant 2001; 1 (2): 91.-102.
- (5) Kaloustian SM, organizador. Família brasileira: a base de tudo. São Paulo: Cortez; 1994.
- (6) Nogueira PL. Estatuto da criança e do adolescente comentado. São Paulo: Saraiva; 1991.
- (7) Priore MD, organizadora. História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto; 1995.
- (8) Blumer H. Symbolic interactionism: perspective and method. Berkeley: University of California; 1969.
- (9) Glaser B, Strauss AL. The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter; 1967.
- (10) Dupas G. Buscando superar o sofrimento impulsionada pela esperança: a experiência da criança com câncer. [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1997.
- (11) Ribeiro MO. A criança de/na rua em idade escolar: um olhar sobre sua trajetória de vida. [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.

Artigo recebido em 13/07/00

Artigo aprovado em 06/02/022